

Exposição da tapeçaria de Gobelins e das porcelanas de Sèvres, no salão dos concertos

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 30)

V

SALÃO DOS CONCERTOS

Occupa este bello salão todo o corpo da frontaria principal do palacio, que se estende dos tres porticos da entrada para o lado de léste. É vasto, com altura bem proporcionada á sua grandeza, singelo nas decorações, mas elegante e muito alegre pelas côres vivas das paredes e tecto, e pela abundante luz que lhe transmittem oito grandes janellas em duas ordens, que se abrem na parede do lado do norte.

Dão ingresso para este salão duas portas, que ficam no principio da nave central do palacio, á esquerda de quem n'ella entra; e para a galeria, que o circunda por tres lados, dá passagem a galeria da parte de léste da mesma nave central. No fundo do salão, que é de fórma elliptica, eleva-se o coreto para a orchestra.

Aquelle grande concurso da industria e das artes ostentava n'este salão riquissimos productos, e primores artisticos de subida valia. Á frente d'estes, sobrelevando a todos, avultava um prodigio da arte italiana, e um quasi milagre da industria franceza. Era a cópia do precioso quadro de Raphael, a *Transfiguração*, cópia feita em tapeçaria na fabrica imperial *des Gobelins*.

Aquella sublime correcção de desenho, e perfeito conhecimento e apurado gosto da arte antiga; aquella força, energia e graça de uma expressão vivissima; aquella sabedoria e grandeza de composição, em que se revelam a alteza dos pensamentos de uma alma ardente, e os esplendores de uma imaginação férvida e poetica; aquelle colorido maravilhoso que imita a natureza com tanta exacção; todos esses dotes, em fim, que caracterisam as obras do illustre chefe da eschola romana, e que sobresaem em tão eminente grau no grandioso quadro da *Transfiguração de Christo*, que é a sua obra prima por excellencia, e a melhor pintura que o mundo admira; todos esses dotes, repetimos, lá estão exactamente estampados no precioso tapete *des Gobelins*. Todas essas maravilhas da arte, verdadeiras inspirações do genio, que o pincel do immortal pintor de Urbino soube imprimir na téla com tintas finissimas, reproduziram-n'as com lãs na tapeçaria os operarios de Gobelins com tamanho brilho e vigor, ainda mais, com a mesma verdade com que um espelho retrata os objectos que se lhe apresentam diante.

Achavamo-nos no palacio de cristal quando se tirou do caixote e se principiou a desenrolar, para ser pregado no caixilho doirado, o famoso tapete da fabrica franceza. Antes de lhe admirarmos as feições do rosto, vimos-lhe nas costas as provas irrefragaveis que denunciam a sua origem fabril. Pois, apesar d'isso, quando, todo aberto, patenteou as suas magnificencias, nenhum dos circunstantes se póde conter que não fosse tocar com os dedos nas orlas do quadro, para bem se certificarem de que não os enganavam seus olhos. E confessâmos que, ainda depois de tocar, o nosso espirito queria duvidar da fidelidade dos olhos e dos dedos, não podendo comprehender como a aspereza da lã e a tosca lançadeira do tecelão podem substituir tão perfeitamente o macio das tintas e a delicadeza do pincel na imitação dos quadros da natureza.

A tapeçaria de Gobelins tem as mesmas dimensões do quadro de Raphael, que é um dos maiores que se conhecem, e no qual as figuras do primeiro plano estão representadas de tamanho natural, ou quasi natural.

A producção do grande pintor acha-se em Roma. D'ella existe em Lisboa uma excellente cópia, da grandeza do original, feita, por encommenda do sr. conde de Farrobo, pelo sr. Antonio Manuel da Fonseca, lente de pintura historica da academia real das bellas artes de Lisboa. Este trabalho foi reputado em Roma como uma das melhores cópias que alli se tem tirado do quadro de Raphael.

Quanto á tapeçaria de Gobelins, se o seu preço póde accrescentar alguma coisa ao que expendemos para dar uma alta idéa de similhante obra, diremos que o seu custo excedia a somma de 7:000$000 réis.

Estava collocado este quadro sobre o coreto, no fundo do salão. Logo por baixo d'elle, em uma credencia de tres degraus, que occupava toda a largura do mesmo coreto, fazia ostentação das suas magnificas porcelanas a fabrica imperial de *Sèvres*, proximo de Paris. N'esta soberba exposição, em que a industria ceramica e a arte da pintura se alliaram, reunindo todos os seus esforços para attingirem a maior perfeição, mostrava a França a sua supremacia na fabricação das porcelanas. Causava verdadeiro enlêvo e assombro ver aquella copiosa e riquissima collecção de vasos, jarras, frascos, figuras, medalhas, taças, pratos, chavanas e outros variados objectos.

Recorreremos tambem ao preço de algumas das peças mais caras, para que por elle se possa ajuizar da riqueza e primor de taes manufacturas. Os pratos redondos, chamados de guardanapo, do apparelho mais rico de jantar, custavam cada um 27$000 réis. As duas grandes jarras ou vasos, que estavam na frente da credencia, uma em cada extremidade, importavam ambas em perto de 4:000$000 réis. D'ellas fez presente o imperador Napoleão a el-rei o sr. D. Luiz I. Como a nossa gravura é cópia de uma photographia que apenas abrange metade da credencia, por esta razão sómente n'ella se vê representada uma das referidas jarras.

Junto á exposição das porcelanas de Sèvres estava, entre outros, um rico piano de ébano, todo lavrado em graciosas esculpturas. Tambem era producto da industria franceza, bem como as joias que nos armarios proximos attrahiam e encantavam a vista, ainda mais pela elegancia e belleza das peças, pela linda combinação das pedras preciosas, e pela singular perfeição do trabalho, que pelo proprio valor intrinseco, não obstante ser muito elevado. Um dos expositores era o sr. *Prospero Eugenio Fontenay*, joalheiro de Paris. D'entre os seus variados adereços sobresaía um verdadeiramente admiravel pela graça e novidade do desenho, e tambem pela delicadeza do trabalho. Custava 1:900$000 réis.

Outro ourives de Paris, o sr. *F. S. Léon Rouvenat*, expoz uma collecção de diademas, broches, pulseiras, brincos e outros adereços, não menos rica e formosa que a do sr. Fontenay, e representando toda um capital de cêrca de 80:000$000 réis.

Os srs. *E. Barbary et Fils*, de Paris, exhibiram lindas caixas com estojos para costura, de marfim com guarnições de oiro e prata; e uma mui bonita e curiosa collecção de adereços de oiro á imitação dos que eram usados pelas damas da antiga Roma.

Ao pé de todas estas preciosidades de valor intrinseco apresentaram os srs. *Constant Valès & C.ª*, de Paris, as formosas perolas da sua fabrica, que se podem chamar preciosas por imitarem tão perfeitamente as verdadeiras, que difficil será a qualquer pessoa distinguir uma d'aquellas no meio d'estas.

Apesar do esmero da mão de obra, e sobre tudo do bom gosto artistico, e da prodigiosa fecundidade de invenção, que dão á França, sem dúvida, a primazia n'este genero de trabalho, os nossos joalheiros e ourives figuraram n'este certamen de modo honroso para elles e para o paiz.

De Lisboa, infelizmente, nenhum alli concorreu, havendo alguns que podiam apresentar com afoiteza as suas peças de brilhantes ao pé das francezas. O Porto, que tanto prima na ourivesaria, esteve alli mal representado quanto ao numero das officinas que encerra, mas bem em relação aos productos que exhibiu. Os srs. *Mourão & Irmão* honraram a cidade do Porto com a magnifica exposição de joias que fizeram, entre as quaes merecem menção um adereço de brilhantes, no valor de 8:000$000 réis; um par de brincos, do preço de 2:000$000 réis; e um broche, figurando uma borboleta, cravejada de brilhantes, rubis, esmeraldas e opala, que custava 185$000 réis.

Os srs. *Augusto Moreira & Coutinho*, e *Antonio Coelho de Sousa*, ambos do Porto, expozeram joias de bastante primor, sendo as mais notaveis, do primeiro, um meio adereço, ornado de diamantes, do valor de 900$000 réis, e duas pulseiras, com emblemas de agricultura e guarnecidas de rubis e diamantes, uma do custo de 170$000 réis, e outra de 165$000 réis; e do segundo, um adereço com brilhantes, na importancia de 500$000 réis, e duas pulseiras, uma avaliada em 175$000 réis, e outra em 130$000 réis.

A par d'estas joias modernas viam-se alguns objectos preciosos muito antigos, formando uma curiosa collecção exposta pela sra. *Viuva Nogueira*. Eram notaveis, principalmente, um relicario, e um golphinho de aljofar, guarnecido de oiro e esmalte.

Os ourives da prata portuenses figuraram alli de uma maneira que sustentava dignamente a reputação

de habilidosos e perfeitos que desfructam em todo o paiz. Na exposição copiosa e rica dos srs. *Viuva Moreira & Filho*, composta de muita diversidade de peças para differente genero de serviço, notavam-se algumas de bom gosto, ao passo que todas mostravam execução perfeita.

Nas obras de filigrana, que é o ramo da ourivesaria em que mais sobresaem os ourives do Porto e da provincia do Minho, as mencionadas casas dos srs. *Viuva Moreira & Filho*, e *Augusto Moreira & Coutinho*, e os srs. *Augusto Lourenço Dias*, de Campanhã, *Joaquim Pinto Vieira da Fonseca*, do Porto, apresentaram cestos para fruta, cofres, broches, pulseiras, e outros objectos primorosa e delicadissimamente fabricados.

Era mui curiosa a exposição feita por este ultimo. Constava de todo o genero de joias de oiro com que se costumam enfeitar as camponezas do Minho, ás quaes chamam *lavradeiras*. Essas joias são grossas cadeias, cordões e collares, cruzes, corações e arrecadas, sendo os ultimos tres objectos de filigrana. Fazia parte d'esta exposição uma cadeia de oiro de grandes anneis, da qual pendia uma cruz de Malta, pesando tudo 422 grammas, e sendo o seu preço 215$424 réis.

O sr. *Joaquim de Sousa*, do Porto, expoz um cofre de prata, que offereceu a el-rei o sr. D. Luiz I.

Trabalha-se em prata com tanta perfeição e barateza em differentes terras da provincia do Minho, principalmente nas cidades do Porto, Braga e Guimarães, que é muito para sentir que não escolham os artifices modêlos elegantes, embora singelos, procurando imitar, ao menos nas fórmas, essa diversidade de peças, mais esbeltas e formosas que pesadas, que hoje saem das officinas francezas, inglezas, e de outras nações que vão caminhando a par d'estas nos progressos da civilisação.

Viam-se n'esta mesma sala duas collecções, vistosas e magnificas, de condecorações de diversos paizes, uma da fabrica do sr. *J. B. Octave Lasne*, de Paris, e a outra da fabrica do sr. *Feliciano Avelino Peres*, de Lisboa. A primeira, mais copiosa, realçava, forçoso é confessar, pelo bom gosto artistico de cada uma das peças. A segunda deve bastar-lhe para gloria a consideração de que, na obra de esmalte, bem como nos trabalhos de abridor e cinzelador, nada perderia, talvez, na confrontação com aquelles bellos productos da industria de uma nação tão adiantada.

No meio da sala havia um grande mostrador, onde se admirava, disposta em fórma de throno, uma soberba e variadissima collecção de objectos de arte em bronze, da propria côr do metal ou doirado, sem mistura de outra materia, ou com obra de marmore ou de esmalte, etc. Compunha-se esta collecção de muitas estatuas e bustos de differente tamanho, candelabros, serpentinas, vasos, taças, relogios e muitos outros objectos de phantasia.

Não poderiamos, antes que desejassemos, especialisar aqui todas as coisas que mais nos attrahiram a attenção. Não nos auxiliaria n'esse empenho, certamente, a nossa memoria; nem a pressa que, ainda por outras razões, n'esta visita levâmos, nos permitte demorarmo-nos com taes miudezas. Todavia, mencionaremos, como um dos objectos que mais realçava d'entre tantas obras excellentes da arte e da industria francezas, uma formosissima estatua de bronze, de um metro de altura, pouco mais ou menos, cópia fiel da *Venus de Milo*, que é um dos maiores primores de esculptura da antiguidade.

Por aquellas mesmas razões deixâmos de mencionar varios outros productos de industria nacional e estrangeira, sem dúvida muito interessantes, que se achavam tambem no salão dos concertos.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 58)

O vulto que seguimos, e no qual já de certo os leitores reconheceram D. Luiz de Mello, ainda d'esta vez não respondeu. Rapido como o pensamento, desacolchetava, com um impudor que faria lançar altos gritos a qualquer dona beata, o vestido que envergára simplesmente por cima da casaca de veludo, e apparecia em toda a sua elegancia de pagem aos olhos da dona do quarto, que, ainda mais rapida do que elle, assomára com a lampada na mão á porta do toucador, no momento em que D. Luiz atirava com o vestido para um dos cantos mais escuros da camara, e perguntára pela terceira vez, mas com voz trémula:

— Quem é?

Não chegou a concluir a phrase, e soltaria talvez um grito, tamanha foi o sopresa que experimentou ao ver um homem no seu quarto, se D. Luiz, pondo um joelho em terra, pegando na folha do seu espadim pela ponta e apresentando-lhe os copos, lhe não dissesse respeitosamente:

— Se eu proferir uma palavra, se eu fizer um gesto que, ainda muito remotamente, a possa offender, traspasse-me o coração com esta espada, mas não me prive da suprema felicidade de estar um instante, um só instante a seus pés.

E o pagem, em cujos longos cabellos loiros espalhava a lampada reflexos doirados, levantou para a condessa os olhos meigos e supplicantes.

— D. Luiz, disse ella franzindo o sobr'olho, que loucura é esta? Que direitos lhe dei eu, ou suppoz que lhe eu désse, para assim entrar, alta noite, no meu aposento?

— Oh! nenhuns! nenhuns! tornou o pagem abaixando melancolicamente a cabeça. Que direito dá a chamma á borboleta para que esta se lhe vá lançar no seio ardente? E ella vae, entontece, cresta as azas e morre.

— E segundo parece, tornou a condessa, sorrindo-se involuntariamente, este pagem-borboleta fez-me a honra de me escolher para vir queimar na minha luz as azas que ainda hontem lhe nasceram. Ora vamos, gentil pagem, acorde do seu sonho de criança, e pense que a vida não é um romance como o *Amadis* da sua patria, nem uma comedia de capa e espada como as do meu compatriota Calderon de la Barca.

— E para que me ha de despertar? continou elle com suave inflexão na voz. Quando o sonho é mais bello do que a realidade, não é barbaro, não é cruel fazer descer a criança, como me quer chamar, das regiões encantadas, para onde me transportaram umas fadas desconhecidas que eu entrevejo em sonhos de oiro? Deixe que a borboleta se queime na chamma. É essa a morte por que ella anceia, é a pyra perfumada que a attrahe, mas não a afugente com os gelos da zombaria.

E o pagem, deitando para traz os seus cabellos e pondo o outro joelho em terra tambem, levantou para a condessa as mãos unidas.

— Está bom, disse a condessa com seriedade, mas sem poder desfitar os olhos do rosto do pagem; vejo que me é forçoso empregar os remedios mais heroicos. A sua presença aqui, sr. D. Luiz de Mello, já que preciso de appellar para o seu pundonor de fidalgo, põe em grave risco a minha reputação. Supponha que entra alguem. Como quer que se acredite que um gentil-homem portuguez transpoz aquella porta sem o consentimento da dama estrangeira que habita n'este quarto?

— Que remedio terão senão acredital-o, quando eu me apunhalar á sua vista, proclamando isso mesmo

que se julgaria impossivel? tornou o pagem com o maior sangue frio.

A condessa encolheu os hombros com certa impaciencia.

— Vamos, disse ella, entre no meu toucador, já que insiste de um modo tão estranho em ter commigo uma entrevista. Peço-lhe ao menos que seja breve. Aqui, na direcção da porta, ainda seria mais grave a imprudencia.

E, precedendo o pagem, entrou no toucador.

Este quarto estava mobilado não só com o luxo que D. João v punha em tudo, mas, além d'isso, com um esmero especial que indicava ter sido esse aposento destinado para a dama a quem el-rei fazia a honra de requestar. Um espelho magnifico, moldurado de prata doirada, reflectia as magnificencias do aposento. Em cima do toucador brilhavam essas mil luzentes ninharias indispensaveis ás senhoras, e principalmente ás senhoras d'esse tempo; a materia prima de todos esses pertences de *toilette* era só oiro, prata ou cristal. N'uma das paredes da casa ostentava-se um magnifico oratorio de talha doirada; defronte via-se um contador não menos magnifico.

O pagem nem relanceou os olhos para esses esplendores. Bem mais deslumbrante era para elle a provisoria dona d'essas magnificencias, que, sentando-se, ou antes aninhando-se n'uma boa cadeira de veludo de Utrecht, lhe disse, depois de relancear os olhos para o espelho e de compor com a mão uma das tranças negras do seu cabello, onde, á luz da lampada alabastrina, ondeavam uns reflexos azulados como os que scintillam na aza do corvo:

— Ora vamos, o que me quer dizer?

— Que a amo, respondeu simplesmente o pagem que ficára de pé encostado ao contador.

— E, provavelmente, quer tambem que eu o ame? tornou a condessa com leve ironia.

— Não! continuou o pagem meneando graciosamente a cabeça.

— Não?

O pagem sorriu-se, e poz de novo um joelho em terra.

— Sou uma criança, disse elle, uma criança sobre cujo berço nunca se debruçou um d'esses vultos de anjo, cujo nome de mel foi logo fadado para ser o primeiro que fluctuasse nos labios das criancinhas — «mãe». Meu pae, velho e pobre fidalgo de Traz-os-Montes, não me sabia dar o carinho de que tanto precisam estas plantasinhas debeis. Na soledade a imaginação robustece-se. Os sonhos são as avesinhas do deserto. Vivi de devaneios. Soltei ás auras da phantasia todos os canticos da minha ante-manhã, todas as fragrancias da minha primavera. Os thesouros de amor, que eu me via obrigado a esconder no peito, derramava-os aos pés d'essas imagens phantasiadas. A imagem da Virgem era quasi sempre a minha confidente, uma formosa imagem de Nossa Senhora que havia na minha aldeia, tão louçã, tão gentil com as suas coroas de flores! Oh! que piedoso amor eu tive áquella santa imagem! Cresci! continuou elle em voz baixa e melodiosa, e não se me apagou a sêde inextinguivel de amor que me consumia. Amor que não é ambicioso, que se contenta com um sorriso, que só deseja que o acceitem. Amor que é uma adoração, como eu tinha á minha santa Virgem da aldeia. É só isto o que eu lhe peço, senhora condessa, deixe-me adoral-a; como se póde offender com tão ligeiro pedido? Olhe! eu não conheci minha mãe, mas parece-me que havia de ser linda. Ás vezes entrevejo-a em sonhos, mas vaporosa como uma sombra. Por isso uma mulher formosa tem para mim um não sei quê de santo, vejo n'ella um reflexo de minha mãe. E não sabe? estas noites tenho sonhado com ella; apparece-me não já vaporosa e indistincta, mas o rosto d'ella é o espelho do seu, condessa.

— Criança! disse a hespanhola, que o ouvíra deixando-se captivar involuntariamente pelo perfume de fresca primavera, de radiante mocidade, que as palavras do pagem respiravam; pobre criança! continuou ella, quer que lhe eu consagre um amor de mãe?

— Oh! não, exclamou elle.

— E dizia que não era ambicioso? Pois bem, serei sua irmã, sua irmã mais velha...

— Irmã!...

— Pois que mais? accrescentou a condessa passando involuntariamente os dedos pelos finos cabellos do pagem. Esqueça pensamentos loucos, continuou com grave familiaridade; bem sabe que sou casada. Deixe-me pois fallar-lhe como irmã. Entra no mundo, criança nobre, generosa, com o coração a trasbordar de affectos, com o espirito cheio de levantados pensamentos. Não ceda á influencia de um seculo corrupto, não se costume a desprezar estes laços, que são a base da felicidade das familias. É gentil-homem, e é christão, cumpra fielmente os deveres que esses dois titulos lhe impõem. Seja a sua espada um espelho de lealdade, a sua alma um espelho de pureza. Fuja da ociosidade e da corrupção das cortes. Não procure o amor na aventura galante. Essa é a parodia do amor. Na agua dos tremedaes chafurda o vil marreco, o cysne só humedece a candida plumagem no lago transparente em que se espelha o firmamento azul. O verdadeiro amor é o cysne, filho. Fuja dos amores onde não vir reflexos do ceo, ante os quaes não possa evocar a santa imagem de sua mãe. Não esperava encontrar uma prégadora, continuou ella jovialmente, onde vinha procurar uma aventura. É porque lhe tenho sincero affecto, é porque vejo que perolas se escondem no seu coração juvenil, e queria fazer um esforço para que se não perdessem nos tremedaes d'este seculo infame.

N'isto sentiram-se passos no corredor. A condessa levantou-se inquieta e poz o ouvido á escuta.

Os passos pararam á porta do quarto d'ella.

— Condessa, disse de fóra uma voz feminina, está ainda levantada?

— Estou, respondeu a hespanhola, dirigindo-se para a casa de entrada depois de impellir o pagem para a alcova.

— Então venha depressa, tornou a voz, sua alteza real acordou incommodada, e não cessa de chamar a condessa.

— Vou no mesmo instante, respondeu a dama de honor.

Os passos afastaram-se.

A condessa de San-Pablo pegou no primeiro vestido que lhe appareceu e voltou para o toucador, onde D. Luiz a esperava inquieto, com a porta da alcova entre-aberta.

— Vista-se depressa, disse-lhe ella dando-lhe o vestido e ajudando-o a arranjar-se. Ora vejam que linda rapariga! continuou rindo apenas o viu prompto. Vamos, depois de eu sair, sáia tambem cautelosamente, e não faça mais imprudencias. É sua irmã quem lh'o pede.

E afastou-se, mas cedendo a uma tentação irresistivel, voltou atraz, e, afastando os cabellos loiros de D. Luiz, poisou-lhe na fronte um beijo, casto e leve como o sopro de um anjo.

D. Luiz ficou um instante como que deslumbrado. Esse bafejo, todo perfumado de mocidade e de amor, quasi que destruiu o effeito produzido pelas graves palavras que a condessa proferíra havia pouco. O estouvado pagem esteve para não obedecer á gentil hespanhola, e para esperar que ella voltasse. Custou-lhe pelo menos a arrancar-se d'aquelle sanctuario da belleza. Decidiu-se em fim, e, lançando um ultimo olhar para essas magnificencias, que só da presença da condessa para elle colhiam esplendor, dirigiu-se para a

porta, quando esta se abriu, e D. Luiz ouviu aterrado a voz bem conhecida do Camões do Rocio proferir estas palavras:

— Disseram-me que ainda estava levantada, sra. condessa. Dá licença?

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

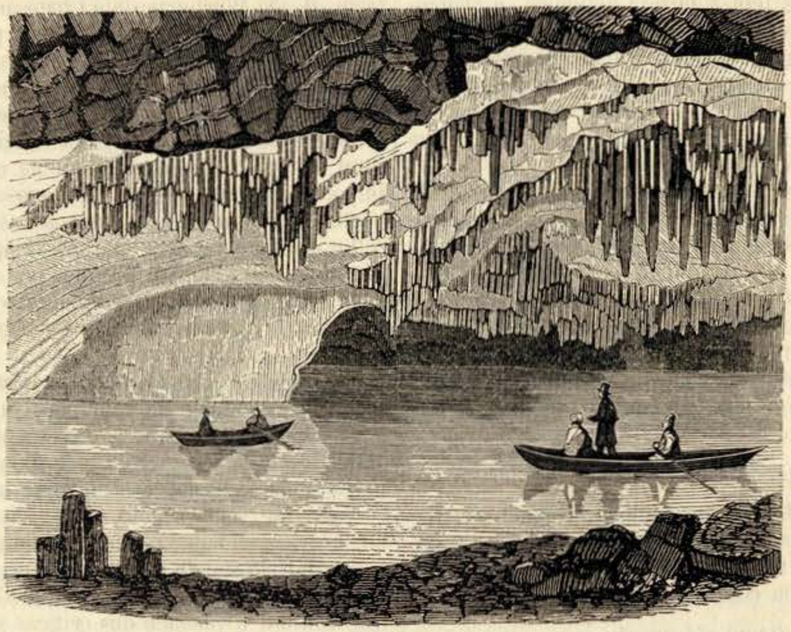
BELGICA

GRUTA DE HAN

Esta gruta é uma das curiosidades naturaes mais notaveis não só da Belgica, mas tambem de toda a Europa.

Está situada no valle do rio Lessa. É muito vasta, e compõe-se de varios repartimentos, que são como outras tantas lapas, a cada uma das quaes a natureza distinguiu com feições particulares, que deram fundamento aos nomes com que são designadas pelos povos das visinhanças. Esses nomes, que explicam a fórma ou a singularidade de cada lapa, são *desfiladeiro do diabo*, *sala do zimborio*, *throno de Plutão*, *toucador de Proserpina*, etc. Tem immensas galerias, que perfuram as rochas a tal distancia, que ainda ninguem se atreveu a descobrir-lhes o fim, pois que a rarefacção do ar tem obrigado os mais temerarios a desistir da empreza.

São muitos, e tambem medonhos, os abysmos profundissimos que ha n'esta gruta, que parece verdadeira estancia das potencias infernaes. Porém ainda outra singularidade tem esta gruta, que a faz celebre, e que muito concorre para a extraordinaria affluencia de viajantes que alli vão continuamente admirar os caprichos e phantasias da natureza. Serve de leito esta gruta ao rio Lessa, que, atravessando-a por bom espaço, permitte aos curiosos que explorem uma parte d'ella sentados commodamente em ligeiros barcos, offerecendo d'est'arte o prazer pouco commum de uma viagem subterranea. I. de Vilhena Barbosa.



Gruta de Han, na Belgica

DO THEATRO

(Conclusão. Vid. pag. 46)

Ha um ponto maximo na arte ácerca do qual as opiniões ainda hoje variam: é se a litteratura antiga sobrepuja á moderna, apesar do novo curso que o espiritualismo christão imprimiu a esta ultima. Sobre este assumpto já eu expuz a minha crença, confutando o estacionamento irremissivel que alguem quiz ver na arte em geral; eu sou pelo progresso, pela ascensão do espirito. Creio que de Tyrteo a Koërner ou de Ovidio a Ariosto ha um largo caminho percorrido, como de Plinio a Cuvier.

Entre Eschylo e Shakespeare temos, portanto, egual distancia.

O seculo XVI é o primeiro em que a arte renascida dá testimunho de si propria, em que responde ao orgulhoso appello da antiguidade. Leão X hombreia com Pericles. N'esta ebullição dos espiritos, n'estas fervenças do genio, avantaja-se Miguel Angelo; o seu émulo é Phidias. Architecto e estatuario, poeta e pintor, a immensa actividade da sua alma concentra-se toda na arte; trabalha sempre, caminha sempre, austero, sombrio, melancolico, como todos os genios. Ao Parthenon contrapõe S. Pedro, Moysés a Jupiter; depõe o cinzel para traçar o grande quadro do *Juizo;* descança na poesia, e tomando-lhe, em fim, as azas, eleva-se ao puro amor, ao ideal do platonismo.

Eis o athleta da renascença, o grande sol da arte moderna. Em torno d'elle rebenta e floresce a nova pleiade de artistas; as escholas apparecem, os mestres levantam-se, as obras primas succedem-se de contínuo. Todas as realezas pagam tributo á subita evolução que se manifesta, todos contemplam absortos o grande trabalho do espirito humano. Em quanto Jordão Bruno, Bacon e Campanella cimentam a moderna philosophia, e o monge de Wittemberg rasga a purpura inconsutil do papa; em quanto Francisco I e Carlos V resolvem em campo aberto e de ferro em punho o seu pleito de ambições insaciaveis; em quanto a Europa se precipita para o novo mundo que Christovão Colombo acaba de apontar-lhe, e, á sombra da cruz, metralha e funda entre cadaveres e ruinas as suas conquistas gloriosas, a arte medita e envolve-se nas luctas pacificas da civilisação dos homens.

É então que os eleitos sacodem o seu facho luminoso, é então que a pintura nos apparece em Leonardo de Vinci, em Tintoreto, em Raphael, em Ticiano, em André del Sarto; é então que Benvenuto Cellini cinzela os seus vasos admiraveis, em quanto a mu-

sica se ampara ao braço possante de Palestrina; é então que Cervantes enxuga o sangue de Lepanto para escrever *D. Quixote*, e o Tasso devora em silencio as lagrimas da desventura para modelar a cabeça angelica de Armida; é ainda então que Rabelais, como Democrito, castiga as miserias do mundo com o ridiculo, e Camões se vinga dos desprezos da patria cobrindo-a com a immortalidade.

N'este oceano de poetas sobrenada um homem, traz na mão *Hamlet*, chama-se Shakespeare. Ergamo-nos para o encarar.

Entre Eschylo e Shakespeare, como já disse, ha a distancia dos seculos. Em ambos temos a verdade, a nudez, a pujança, a simplicidade da natureza; em ambos a mesma força e a mesma audacia, o mesmo desenfreado trasbordamento; Eschylo, porém, quer dizer a Grecia; Shakespeare, a humanidade. Esta ampliação, este dramatisar o homem *nel tempo e nello spazio*, para me servir de uma phrase de Maroncelli, esta creação de typos, onde o mundo se reflecte, é o que só encontrâmos no theatro moderno. O poeta grego vasa nos moldes primitivos a chamma do pensamento; as suas figuras tem a pureza hellenica, a elegancia esculptural. Curvâmo-nos perante aquella simplicidade magnifica, maravilha-nos a luz que irradia d'aquellas faces, presentimos o heroismo antigo pelo porte e pelo tom d'aquelles heroes; mas cada um d'elles conserva em si proprio o traço singular, a sua individualidade exclusiva.

É por isto mesmo que, sem podermos deixar de emparelhar o genio do theatro antigo com o do moderno, temos de conceder necessariamente á influição dos tempos o que n'este predomina áquelle.

Shakespeare é o profundo mineiro do coração. Conhece-o, devassa-o, estuda-o, nem um unico tremor lhe escapa, nem uma unica expansão o soprende. É natural como a natureza. Que lhe importa a elle que a palavra cáia sem o enroupamento artificioso? A verdade é o seu idolo.

O banish me, mylord, but kill me not,

diz aquella encantadora Desdémona, rojando-se, banhada em lagrimas, aos pés do moiro furioso; o negro repelle-a com um dito, um só, mas aonde a allucinação se congloba com a hediondez do ciume:

Down strumpet.

Mais tarde, quando Emilia, a mulher do *honrado* Iago, lhe exprobrar a fealdade do crime e lhe disser, apertando a mão gelada de Desdémona:

Oh, the more angel she, and you the blacker devil,

ainda Othello, fitando o cadaver com um ranger de dentes, terá fel na alma bastante para vociferar:

She turn'd to folly, and she was a whore.

São estas as bravezas naturaes de Shakespeare; não se apavora com os abysmos: mede-os e vence-os. A critica fere-se por vezes, e clama contra os espinhos atrevidos que ousaram escoriar-lhe a epiderme. Shakespeare é monstruoso para tal critica; o seu predecessor Eschylo corre tambem egual destino.

Embora. Tanto um como outro hão de viver mais do que ella. A natureza tem por desgraça estes dislates de mau gosto, e os genios precisam de a apresentar no fôro como circunstancia attenuante. Nem sempre os lyrios desabrocham ao tepido sol da primavera, nem tão pouco os rouxinoes fazem vida, empoleirados nas olaias, a chilrear madrigaes amorosos. Ha noite e ha rochas. Shakespeare tem o defeito de ostentar todas as coisas.

Por isso mesmo, Pope, o Boileau da Inglaterra, dizia d'elle com o aprumo de mestre: «*Of all english poets, Shakespeare must be confessed to be the fairest and fullest subject for criticism, and to afford the most numerous instances, both of beauties, and faults of all sorts!*» Antes de chegar a esta conclusão terminante, o auctor do *Ensaio sobre a critica* havia deitado o esquadro do bom gosto ao auctor do *Macbeth*, e dera-lhe com uns certos desvios, umas arestas impertinentes, que desfeiavam a justa symetria da arte. Era por esses tempos que Chapelain havia dito de Molière quasi o que Pope disse depois de Shakespeare.

O que era o theatro inglez antes do drama *Pericles?* Toda a sua gloria se cifrava no *Tamerlão* de Christovão Marlowe. Shakespeare surge, e com elle o theatro. Esta feição creadora prende-o ainda mais ao poeta das *Danaïdes*. Aos vinte e cinco annos é a sua primeira revelação; aos quarenta e sete despede-se da arte escrevendo *Henrique* VIII, e morre cinco annos depois (23 de abril de 1616), no mesmo dia em que a Hespanha perdia o maior de todos os seus talentos.

Poucos homens terão sido, como Shakespeare, tão verberados pela critica; desde Thomaz Rymer até Voltaire, desde Warburton até Chateaubriand, todos tem, mais ou menos, arremessado a sua pedra. Notavel coisa! Que os espiritos mediocres censurem o que não comprehendem, que os tordos chanceiem das aguias, que o riacho mofe do Niagara, que a relva faça epigrammas ao cedro, que a plebe crucifique Christo, é natural, é logico, acceita-se, está na condição da inveja impotente, que se roe a si e aos outros; mas que o poeta da *Zaira* se arrependa *d'avoir ouvert la porte à la mediocrité*, mas que o escriptor dos *Martyres* condemne Theobald e Hanmer por estes haverem atacado Pope, *qui s'etoit permis de corriger quelques trivialités du grand homme*, eis o que de facto maravilha!

Shakespeare, em frente d'estes vexillarios que volteiam o estandarte da rebellião contra o genio, Shakespeare cobre a cabeça envergonhado. Faz como o Julio Cesar da sua grande tragedia: vela a fronte para não ver os assassinos, e deixa-se apunhalar.

Tudo lhe tem negado, tudo; desde a simplicidade até á originalidade, desde a fórma até á essencia. *Romeo* e *Julieta* sae do ventre materno de Bandello, como *Hamlet* é um roubo feito a Saxo Grammatico. Sobre este ultimo, a piedade dos criticos sente-se remordida um pouco, e concede que Shakespeare não sabia latim para poder forragear em tal campo. Engano, commiseração exaggerada. No proprio *Hamlet* lá vemos nos Polonios fallar de Seneca e de Plauto. De todo este processo de tres seculos resulta em bom direito, que Shakespeare é simplesmente um vandalo, quer dizer, um barbaro latrocinador, *un sauvage ivre*, como lhe chamava Voltaire.

De que procede, pois, entendamo-nos finalmente, de que procede a gloria, a immortalidade d'este homem, a quem os sandeus e os genios tem injuriado? De uma coisa só: da sua propria natureza. O bello é como a verdade; nega-se, mas não se confunde. As gerações podem cobrir um nome illustre com quanto pó de esquecimento tenham amontoado, esse nome ha de resaltar esplendido, como a fagulha das cinzas amortecidas. O bello de Shakespeare é o bello de todos os seculos, não convencional, não sujeito a esta ou áquella condição, não subordinado a tal ou tal gosto, mas absoluto, immutavel, eterno como a natureza de que procede. O coração é sempre o mesmo; quem edifica sobre esta immensa base, edifica para a humanidade.

A que se chama falta de simplicidade em Shakespeare? Á exuberancia, á profusão, á opulencia natural do seu estilo? Decotae-me as florestas virgens e arroteae-me as brenhas que se enredam por esses campos fóra; dizei aos troncos que se perfilem como uns

prussianos arregimentados, e ao sol que vos não deslumbre com os seus clarões importunos; encanae os rios que serpeiam doidamente, e perguntae ao Oceano por que vos ensurdece com os seus rugidos; domae a natureza, tosqueae-a, civilisae-a, fazei d'ella um jardim classico, um caramanchel arcadico, um retiro tranquillo, com suas ruas alinhadas e o seu Tritão golphando, em meio de um brunido lago; quando tiverdes conseguido tal coisa, affirmae então que a simplicidade que falta em Shakespeare é a que sobeja em La Harpe.

Tudo o que é natural é simples; o pensamento inflora-se, como a arvore se veste de ramagens. Os troncos nus do inverno não tem, de certo, mais verdade que as floridas copas da primavera; no poema, como na natureza, ha a variante das estações. O segredo do genio está em apropriar, em coadunar os elementos, em fazer com que da vida interior, com que do pensamento derivem as exterioridades. O campo engrinalda-se quando o calor do ceo vem animar a seiva da terra, o poeta levanta-se quando o fogo das paixões lhe inflamma o sangue das veias. O estilo sóbe com elle, as flores rebentam, tudo isto é naturalmente bello.

Abri *Romeo* e *Julieta*, o poema das effusões do amor, lêde a scena do jardim, a scena VII do terceiro acto; que perfumes de rosas, que murmurio de beijos, que saudosissima alvorada de maio!

Wilt thou be gone? it is not yet near day:
It was the nightingale, and not the lark,
That pierc'd the fearful hollow of thine ear;
Nightly she sings on yon pomegranate tree:
Believe me, love, it was the nightingale.

Ahi tendes a simplicidade n'essa frescura de imagens que se seguem, n'esse contraste da luz que aponta, e da felicidade que se dissipa. Como todas estas bellezas se incutem na alma, como tudo isto commove, como a gente orvalha insensivelmente de lagrimas as paginas onde se desenham, abraçadas, essas duas figuras graciosas!

More light and light? more dark and dark our woes.
Farewell, my love; one kiss, and I'll descend.

Não ha, sem dúvida, livro algum onde se encontre uma scena, um trecho capaz de emparelhar com a despedida de Romeo e Julieta. O proprio Shakespeare não tem nas suas tragedias outra situação de tanta e tão apaixonada suavidade. Chateaubriand, não obstante o desamor com que o trata, chega a confessar que só conhece um drama indiano, em lingua sanskrita, onde haja uma scena que, embora inferior, se aproxime um pouco á de Shakespeare. É a de *Sacontala*, despedindo-se do lar paterno.

Em *Othello* ha o inverso d'este quadro de amor; tudo é mudado. A cotovia não chilra na romeira, nem a aurora se descobre nos horisontes. É noite, noite profunda, desde o ceo até á face do negro.

It is the cause, it is the cause my soul:
Let me not name it to you, you chast stars!
It is the cause.

Presente-se o horror de uma tremenda catastrophe no caminhar indeciso de Othello, na escuridão que elle espalha em torno de si, no fluctuar das palavras. O ciume desordenado, a intima raiva, a condensação de todas as forças da alma n'um unico sentimento de vingança, reluctam contra o anjo do amor, que ainda vem affagar com as suas mãos de neve o coração enfurecido de Othello. Desdémona acorda ao rumor do ultimo beijo. Innocente e candida, com a alegria no sorriso, corre para os braços que hão de em breve cingil-a no fatal amplexo da morte.

DESDÉMONA

Who's there? Othello?

OTHELLO

Ay, Desdemona.

DESDÉMONA

Will you come to bed, my lord?

OTHELLO

Have you pray'd tonight, Desdemona?

DESDÉMONA

Ay, my lord.

OTHELLO

If you bethink yourself of any crime
Unreconcil'd as yet to heav'n and grace,
Sollicit for it straight.

DESDÉMONA

Alack, my lord.
What may you mean by that?

OTHELLO

Well, do it, and be brief; I will walk by.
I would not kill thy unprepared spirit,
No (heav'ns forefend!), I would not kill thy soul.

DESDÉMONA

Talk you of killing?

OTHELLO

Ay, I do.

DESDÉMONA

Then, heav'n have mercy on me!

OTHELLO

Amen, with all my heart.

É admiravel a justeza de todo este dialogo. A concisão energica de Othello contrapõe-se á doce timidez de Desdémona; a phrase é cortante e rapida, o movimento convulsivo, a acção corre para o seu terrivel desenlace. Othello receia vacillar, Othello ainda sente na face o calor das ultimas lagrimas que chorára ao beijar Desdémona, teme que a irresolução o illaquie; a delonga apavora-o, cerra os olhos e precipita-se. N'este saltar do negro ha o que quer que seja da besta-fera.

Shakespeare é incomparavel n'estes quadros de paixões e de luctas; ninguem, como elle, perscruta e revela n'um traço as profundas verdades da natureza humana. A fórma não o desvia nem o opprime; encontra o bello sem que o procure. Os que adoram a classica e irreprehensivel pureza racineana, detestam necessariamente o simples desalinho de Shakespeare. Na tragedia moderna, cuja indole cormental parece começar a manifestar-se em Guarino, para depois seguir a Lope de Vega, a Andreini, a Kotzebue, a Manzoni e a outros, na tragedia moderna, digo, Shakespeare excede, pela verdade extrema, pela brilhante simplicidade, a quantos seja possivel contrapor-lhe. Ha carne e ha sangue em todas as suas creações portentosas; de um a outro cabo dos seus dramas resôa o tumultuar do mundo. Como todos os genios, Shakespeare tem momentos de devanêio; desprende-se então da terra e sóbe. N'essas regiões sideraes, n'esse vasto azul da arte é que os gigantes concebem os seus typos luminosos; é alli que Shakespeare phantasia *Hamlet*, como Eschylo imaginára *Prometheu*.

Hamlet é a dúvida humana, o grande ponto de interrogação em face de todos os mysterios. O seculo XVI caminha, tendo de um lado Montaigne, que diz «*Que sais-je?*», e do outro Shakespeare, que responde «*To be or not to be.*»

Hamlet é a incerteza. Em volta d'esta figura pallida, que commenta e raciocina como *Alcesto*, vê-se girar a vida humana, tendo por antithese Claudio e Ophelia, isto é, a ambição que leva ao crime, e o amor que termina no desespero.

De todas as tragedias de Shakespeare é esta a que faz resurtir a realidade do meio de uma maior porção de ideal. Ophelia é de uma alvura que deslumbra; ha n'ella a transparencia do cristal e a candidez do anjo. O amor desabrocha-lhe n'alma como as flores desabrocham á sombra. Sente-o, mas não o comprehende. Hamlet duvída.

Is this a prologue, or the posy of a ring?

pergunta elle na scena dos comediantes;

Tis brief, my lord.

responde Ophelia com a graciosa ingenuidade da criança;

As woman's love,

é o conceito de Hamlet, desabrido e sceptico. A hesitação acompanha-o sempre; d'aqui resulta-lhe a pusillanimidade e o sarcasmo.

Ducis, que, na opinião do nosso Garrett, vae na frente dos que em theatro escreveram no genero *mixto*, quer dizer, dos que tentaram alliar a chamada regularidade classica ao desenfeite romantico, não póde rastrear as naturaes bellezas do grande tragico inglez.

Shakespeare é o globo, como se expressa V. Hugo; n'este globo ha o homem, ha o mysterio interior, ha a existencia. Assim é de facto. Contemplal-o é contemplar a natureza em toda a sua vastidão sem termo. O typo é a formidavel concentração de uma especie inteira; o producto de todos os infames chama-se Iago; de todos os onzeneiros, Shylock; de todos os scismadores, Hamlet; de todas as grandes almas, Prometheu. Quem funde estes vultos enormes, estes symbolos de uma familia completa, quem perpetua no marmore da apotheose estas gerações differentes, chama-se Eschylo, Shakespeare, Molière, e poucos mais. Isto em relação ao theatro, é claro; no amplissimo campo da arte ha creadores de egual poder.

Resumindo e terminando esta simples apreciação que tentámos fazer sobre o theatro, encarando-o nas suas duas maiores glorias, achâmos mais uma vez ainda que o bello na arte não é senão a verdade na natureza. A luz do genio doirando as realidades do mundo — ahi tendes o ideal. A poesia não é nem póde ser outra coisa mais que o sôpro de Deus através do espirito humano. Quando este sôpro divino passa, faz-se a luz e a vida; o que era sombra transmuda-se em aurora. A humanidade regenera-se e alenta-se quando a atravessam estas correntes de inspiração. É por isso que o poeta, muitas vezes em meio de uma sociedade que o desconhece, tem o mysterioso papel de semeador do futuro, do futuro que ha de ser feito de liberdade para as consciencias, e de amor para os corações. E. A. VIDAL.

OS RIDICULOS

A palavra *ridiculo* tem duas significações. Empregada como adjectivo, indica o estado de uma coisa e de um individuo. Empregada como substantivo, determina a coisa que tornou o homem ridiculo.

O que é, pois, ridiculo? A relação em que um acto, uma pessoa ou uma coisa se tornou ridicula.

O ridiculo, em uma pessoa, oppõe-se á graça. É, por assim dizer, a falta de accordo entre as nossas acções e as nossas pretenções. É o resultado que se refere menos ao que se pratica. É o effeito da infelicidade alliado aos nossos actos pelo nosso caracter.

Mas isto vem da natureza. O homem tanto póde ser ridiculo, como torto, tartamudo ou coxo. Estes defeitos não o impedem de ver, nem de fallar, nem de andar; mas impedem-n'o de fazel-o não só com graça, o que não é dado a todos os individuos, mas com facilidade, como os demais homens.

O ridiculo é menos repulsivo que a desgraça. Não inspira desgosto nem afastamento.

O homem povoado de vicios e paixões receia mais o ridiculo do que o odio. Foi por esta razão que os moralistas indicaram o ridiculo como o mais efficaz correctivo que se póde oppor ao vicio. Procedem d'ahi a satyra e a comedia.

Quantos serviços tem prestado ambas! Mais poderosas ás vezes que as leis, ferem o criminoso que póde evitar o rigor dos tribunaes. Alguns malevolos tremerão ante o annuncio de uma comedia. A energia e humanidade de Henrique IV não contribuiram, porventura, mais para a destruição da liga, que o ridiculo que a pulverisou na satyra menippéa.

O malvado não se humilha com o odio; vê n'elle o effeito do receio. É-lhe isto como especie de favor. Tremer perante o malvado é lisongeal-o. Lisongeiar-se-ha tambem fugindo d'elle, porque d'ahi infere que o temem. Gosta de ver os rostos perturbados e as sobrancelhas carregadas. Mas se ao seu aspecto os semblantes se desarrugam, e se a expressão da malicia substitue a expressão da desconfiança, conhece que não podem vêl-o com prazer, julga logo que o desprezam e satyrisam, e o receio do ridiculo produzirá n'elle o effeito do remorso.

Um tyranno que se torne ridiculo deixa de ser temido. Caligula e Nero antes succumbiram aos ridiculos que aos vicios. Se Constantino, que não foi, todavia, menos atroz, morreu de morte natural, é porque não juntava o gracejo á crueza.

O ridiculo alcança o homem por diversos modos. Ha ridiculos que vem da natureza; outros que procedem da malicia estranha; e outros que se contrahem por effeito de circuntancias imprevistas. Adquire-se um ridiculo como uma febre, mas não se cura nunca.

É mais facil ridiculisar que evitar o ridiculo. Esta arte nem todos, comtudo, a possuem. E é uma arte mui temivel; parece-se com a da esgrima. Se Molière fulminou os hypocritas, Aristophanes provocou a condemnação de um homem illustre. É mister, portanto, que os homens e as instituições sejam fortes, para resistir aos ataques do ridiculo, mas que tambem as circunstancias não sejam contra elles. No meio de um povo de corcundas, o Apollo de Belvedere seria ridiculo, como seria um homem de fé e caracter na sala de um versatil.

Para ridiculisar basta muitas vezes uma palavra; e essa palavra servirá tambem por vezes para obscurecer o brilhantismo que cérca um homem da moda. É o sôpro que extingue a luz.

Rabelais, antes de Montaigne, e depois d'elle Voltaire, manejaram a arma do ridiculo com um poder a que ninguem resistiu. Que singular influencia não tem exercido o genio d'aquelles grandes homens!

De todas as fórmas do discurso, a ironia é a mais apta para ridiculisar o objecto a que se applica. Os oradores eminentes recorrem a ella em caso de necessidade. Cicero soube com a ironia alcançar grandes triumphos nos processos mais graves.

O ridiculo entra dentro de certos individuos como a chuva que, resvalando no marmore, entra nas estatuas de gesso, e por fim as dissolve. B. A.